

A IMAGEM DA MÃE-TERRA NA POESIA ÉPICA¹

Christina Ramalho²

RESUMO

Estudo de dois poemas épicos que trabalham com a associação simbólica mãe-terra: um de autoria feminina, *A cor da terra* (1981), da brasileira Leda Miranda Hühne; e outro, de autoria masculina, *A cabeça calva de Deus* (2001), do cabo-verdiano Corsino Fortes. A análise, sustentada em considerações feitas na tese *Vozes épicas: história e mito segundo as mulheres* (UFRJ, 2004) e nas questões de gênero, parte de reflexões sobre a presença da imagem mítica da mãe-terra na épica ocidental e, em seguida, parte para os dois poemas, buscando verificar como o tema é semanticamente elaborado em textos atuais, de autoria feminina e masculina. Conceitos como erotismo, sedução, fecundação, pátria e identidade também integram a análise.

Palavras-chave: imagem mítica; mãe-terra; poesia épica; Leda Miranda Hühne; Corsino Fortes

RESUMEN

Estudio de dos poemas épicos que trabajan con la asociación simbólica madre-tierra: uno de autoría femenina, *A cor da terra* (1981), de la brasileña Leda Miranda Hühne; y otro, de autoría masculina, *A cabeça calva de Deus* (2001), del cabo-verdiano Corsino Fortes. El análisis, sostenida en consideraciones hechas en la tesis *Vozes épicas: história e mito segundo as mulheres* (UFRJ, 2004) y en las cuestiones de género, parte de reflexiones sobre la presencia de la imagen mítica de la madre-tierra en la épica occidental y, enseguida, parte para los dos poemas, buscando verificar como el tema es semanticamente elaborado en textos actuales, de autoría femenina y masculina. Conceptos como erotismo, seducción, fecundación, patria e identidad también integran el análisis.

Palabras-clave: imagen mítica; madre-tierra; poesía épica; Leda Miranda Hühne; Corsino Fortes

¹ Esse tema também é abordado no artigo “Mulher, a pátria está inscrita no teu corpo”. Ver bibliografia.

² Prof.a. Adjunta de Estágio e Literatura de Língua Portuguesa na Universidade Federal de Sergipe (UFS), campus Itabaiana.

1. INTRODUÇÃO

O verbete “terra” no *Dicionário de símbolos*, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, apresenta, entre outras, as seguintes explicações:

Simbolicamente, a terra opõe-se ao céu como o princípio passivo ao princípio ativo; o aspecto feminino ao aspecto masculino da manifestação; a obscuridade à luz; o ying ao yang; *tamas* (a tendência descendente) a *Sttva* (a tendência ascendente); a densidade, a fixação e a condensação (Abu Ya’Qub Sejestani) à natureza sutil, volátil, à dissolução.

Segundo o I-Ching, a terra é o hexagrama *k’uen*, a perfeição passiva, recebendo a ação como princípio ativo, *K’ien*. Ela sustenta, enquanto o céu cobre. Todos os seres recebem dela o seu nascimento, pois é mulher e mãe, mas a terra é completamente submissa ao princípio ativo do céu. O animal fêmea tem a natureza da terra. Positivamente, suas virtudes são doçura e submissão, firmeza calma e duradoura.

A terra fértil e a mulher são frequentemente comparadas na literatura: sulcos semeados, o lavrar e a penetração sexual, parto e colheita, trabalho agrícola e ato gerador, colheita dos frutos e aleitamento, o ferro do arado e o falo do homem. (2009, p.878)

Mesmo uma rápida análise dessas definições já revela oposição semântica bem marcada que coloca terra/mulher/imobilidade/submissão de um lado e céu/homem/mobilidade/ação de outro. Fio condutor das formas culturais que encontramos na maioria das sociedades humanas, esse par antitético e, ao mesmo tempo complementar, define não só práticas sociais coletivas como também o caráter das relações humanas em nível mais pessoal. E é por isso que tanto em obras de teor mais coletivo, como as epopeias, quanto em outras, mais intimistas, como a poesia lírica, por exemplo, encontram-se muitas imagens literárias que reproduzem essa dicotomia, que isola os sexos, atribuindo-lhes características próprias e antitéticas.

Quando o gênero literário que se investiga, sob esse ângulo, é o épico, fica ainda mais fácil reconhecer que a fusão do feminino com a terra é uma marca cultural fortemente vinculada ao elemento nacional. Terra-Mãe e Pátria são identificadas, ainda que, paradoxalmente, o substantivo pátria não esteja centrado no referente materno, mas no paterno. Lembremos, neste aspecto, os versos do Hino Nacional Brasileiro: “Dos filhos deste solo és mãe gentil/ Pátria amada Brasil”, em que os sememas “mãe” e “pátria” se correspondem plenamente.

Os estudos que resultaram na tese de doutorado *Vozes épicas: História e Mito segundo as mulheres* (UFRJ, 2004) me puseram em contato com diversas epopéias de autoria masculina, nas quais, quase que invariavelmente, a associação terra/mulher recebia conotação erotizada. O ato sexual, simbolicamente presente nas origens dessa terra, é descrito livremente, marcando um tom que assume claramente essa visão dicotômica do masculino/feminino. Apresento alguns exemplos:

Ronald de Carvalho, em *Toda a América* descreve a terra virgem como um corpo de mulher à espera do “homem livre”, que saberá fecundá-la (2001, p.77):

Que cidade imensa nascerá de todos esses
milhões de mãos que se agitam em ti?
Aqui nestas solidões brutas é que eu te
sinto, América.
Aqui está a tua virgindade.
A tua virgindade que não podemos fecundar!
Ah! Como será bela a dança do homem
livre, que ainda esperas,
a dança do homem livre sobre o teu ventre
violado...

Affonso Romano de Sant’anna, em *A Grande Fala do Índio Guarani Perdido na História e Outras*, remonta à relação corpo feminino/ terra (fecundação e sexualidade), em tom de denúncia: “ou de novo se fez poema/no ovário da mulher/que na Amazônia foi castrada/porque já somos muitos e imundos/em muitas partes do mundo” (1978, p. 37).

Adriano Espínola, em *Metrô* revela a força fêmea dual cidade-mulher, com frequentes alusões ao corpo feminino como receptáculo para o gozo do homem em trânsito, como a terra-mulher à espera de ser fecundada (1996, p. 75):

Quero seguir sozinho nesta amorosa via-fêmea,
que se abre e me abraça de passagem,
me duplica e chama,
me carrega e fere,
me atravessa como um relâmpago,

me enlaça, nesta luta mais sã,
que recomeça
mal rompe a manhã
nos subterrâneos da cidade e do Metrô

em que viajo,
 segurando a barra da palavra,
 que se ergue
 no centro do vagão e da fala — meu falo
 de partida para dentro de ti
 e da escuridão de tuas coxas.

Jorge de Lima, em *Invenção de Orfeu* (1952), configura na ilha a imagem da fecundação associada ao corpo da mulher, grávido de vida, impregnado de religiosidade (1974, p. 197):

Maternidade, digo-te grandíssima.
 Ante seus pulsos crescem novas veias
 e as cúpulas nos ares se recortam.

Que quietos ventres fiéis em seu mister
 recompensados pelo transitório,
 fatalizados na fecundação!

(Oferecimentos tácitos, ternura,
 desaguados nas dores e nos sangues,
 paixão do ser, grandeza perpetuada.).

Todos os exemplos citados mostram que, cumprindo a função de agente do expansionismo, o herói épico realiza com a terra um ato sexual simbólico, que, todavia, traça os limites e as fronteiras da dualidade masculino/feminino, nas quais ficam semanticamente vinculados, respectivamente: a mobilidade, o expansionismo, a criação, a transgressão e a fecundação, de um lado; e a sexualidade, a punição e a submissão, de outro.

A investigação então realizada me permitiu concluir, entre outros, que

- a) a terra aparece normalmente antropomorfizada, e a ela é atribuída uma sexualidade feminina, geralmente associada à virgindade e à posterior fecundação, originada pela ação transformadora do homem, responsável, portanto, pelo ato da criação de uma nova terra, culturalizada;
- b) é igualmente constante a alusão ao ato sexual nas descrições do caminhar do herói pela terra; há um centramento na imagem do “falo” como a força motriz da ação do homem no espaço físico;
- c) existe uma forte alienação, principalmente no âmbito da produção épica moderna e pós-moderna escritas por homens, no que se refere à

inscrição da mulher, na dimensão real, como mão-de-obra ou força-de-trabalho;

d) o corpo feminino é constantemente referenciado – notadamente em imagens relacionadas ao “ventre”, ao “útero”, às “entranhas” e aos “seios” – com o intuito de reforçar a sexualidade da mulher-fêmea e a “predestinação” da mulher-mãe;

e) são raros os momentos em que à mulher é dado o duplo acesso aos planos histórico e maravilhoso da epopéia, ou seja, são raros os momentos em que também a mulher, na condição de personagem, recebe uma condição heróica;

f) a presença de mulheres nos poemas épicos escritos por homens é, em geral, inexpressiva se comparada, por exemplo, à presença de ações bélicas, fenômenos da natureza, relatos históricos, etc.;

l) no plano histórico das epopéias, são as “mães” as figuras mais recorrentes, ao lado das “amantes” e das “prostitutas”;

m) as dicotomias homem/mobilidade X mulher/imobilidade e homem/mente X mulher/corpo são duas das oposições sêmicas mais constantes nesses poemas;

n) a figura do poeta, como representante dileto de uma nação e sua cultura, é, no poema épico, a figura de um homem.

o) de modo surpreendente, são as epopéias modernas e pós-modernas as que trazem índices mais visíveis das injunções patriarcais, reforçadas por construções e imagens sexistas e preconceituosas, evidenciando a necessidade de uma “afirmação do masculino”, talvez decorrente da nova situação do homem no conjunto das experiências humano-existenciais dos séculos XX e XXI. (2004, p.481-2)

Motivada por essas considerações, decidi aproximar dois poemas épicos que também trabalham com a associação terra/mulher: um de autoria feminina, *A cor da terra* (1981), e outro de autoria masculina, *A cabeça calva de Deus* (2001), este último objeto de estudo no pós-doutorado desenvolvido junto à USP com apoio da FAPESP.

Leda Miranda Hühne e Corsino Fortes, autora e autor, representam realidades culturais diferentes. De um lado, Leda escreve poesia épica no Brasil, e isso já constitui um grande passo no sentido de quebrar o modo unilateral de se representarem epicamente terra e mulher. Na ótica masculina, como já foi visto, a expressão da terra é extremamente erotizada, assim como é valorizado o papel sexual do homem, como um desbravador, um conquistador. Ainda que a fusão do feminino com a terra também se dê na poesia de Leda, o conteúdo sexual é flagrantemente menor. Já o poeta Corsino Fortes trabalha com a mesma questão sob um ângulo curioso: a terra, a pátria cabo-verdiana, está metaforizada, no título do livro pela imagem da cabeça calva de Deus como um ícone. Ou seja, a terra, ainda que ganhe adjetivação própria do universo da mulher, é também Deus.

Além disso, a diáspora cabo-verdiana, como fator econômico e cultural marcante principalmente no âmbito do masculino, legou às mulheres a incumbência de, como elementos fixos, conduzir a família, cuidar ela própria da terra e manter íntegra a identidade cultural.

Pareceu-me curioso verificar, em cada um dos poemas, como aparece projetada a imagem mítica da mãe-terra como referente de identidade cultural e foco de problematização da experiência humano-existencial em meio a questões nacionais, políticas, sociais e econômicas.

Esta breve análise dos recursos de representação mítica da terra a partir da imagem da mulher nas duas obras tem como objetivo verificar se aspectos como erotismo, antropomorfismo e relações entre o fenômeno da maternidade e a construção da identidade pátria são desenvolvidos nos poemas e que pontos de aproximação e diferenciação podem ser verificados, considerando a distinção de gênero e de cultura entre autor e autora.

2. A COR DA TERRA

A cor da terra, publicado em 1981, com visíveis vínculos estéticos com o Concretismo, inicia-se por um “Preâmbulo” que se dirige à terra sob forma de apelo, sugerindo que a terra deva acordar (1981, p.9):

A COR DA TERRA

C
O
R
D
A

ACORDA TERRA

No poema, as mulheres estão inseridas nos trópicos caóticos e são remanescentes da terra-mãe mítica e original. Contudo, “A COR DA TERRA/NÃO NASCEU/ DO SOPRO DAS/CARAVELAS” (1981, p.14), mas por meio do trabalho e do

trabalhador. Compondo o universo dos trabalhadores, encontram-se índios, caboclos, negros, mulatos e nordestinos.

Em “TERRA VERDE” (parte I de “Epicentro”), os elementos da terra ganham fala, evidenciando uma tentativa de recompor tanto a identidade da terra como a identidade dos grupos sociais. Assim, para representar as vítimas da exclusão, é dada voz à índia “A-MORDAÇADA”, à índia mítica, à rendeira. A situação caótica das vítimas dos desmandos colonialistas integra-se à imagem de uma terra-mãe ainda vinculada aos mitos femininos da criação:

*TETAS GRANDES
TETAS PESADAS
TETAS DA TERRA
TETAS DE ÍNIDA*

*DOIS PEITOS
CAÍDOS*

*A JORRAR LEITE
SOBRE OS RIOS*

A IRRIGAR

PLANTAÇÕES

*A MOLHAR
A RELVA SECA*

*TETAS GUARDADAS
GUARDADAS
NO CÂNTARO
DE BARRO (1981, p.32)*

Problematizando as questões sociais do Brasil, o poema não se centra na relação entre os domínios do masculino e do feminino, mas na sociedade como um todo. O que o poema valoriza é a atuação social de cada brasileiro e brasileira. Por isso, várias vozes estão presentes. Na primeira parte do poema, o primeiro “Eu” é indígena, o segundo, presente em “ALFORRIA” (parte II de “Epicentro”), é negro.

A Imagem da Mãe-Terra na Poesia Épica

Na segunda parte, a contaminação escrava atinge a própria terra (“TERRA ESCRAVA”, p. 46). Já na terceira parte de “epicentro” (“DESCAMINHO”), a instância de enunciação assume uma “voz nordestina”, mesmo “sem nada saber do Nordeste”.

A terra-mãe é identificada com sua gente: nordestinos e nordestinas, adultos e crianças (caipora, jagunços, cangaceiros, pescadores, rendeiras, matutos, lavadeiras, severinos, severinas, caboclos, caboclas, caipiras, trabalhadores e trabalhadoras).

Em outro trecho, “Cosmópole”, a viagem transfere-se para o espaço urbano. E o que surge é a terra-favela, traduzida pela voz das lavadeiras, da gente indigente, menores infratores, que convivem com ratos, violência, assaltos, buracos, peste, traficantes, enxurradas, ventanias, tapumes semi-abertos, valas, vazadouros, numa terra mítica às avessas. Curiosamente, a terra perde sua aura de “donzela” a ser conquistada e ganha outra: a da

TERRA
LARGADA
TEMPLOS
TRAGADOS

DEUSES
INCLEMENTES (1981, p. 108)

A imagem da cidade, assim, reúne um circo de horrores e hipocrisias, repleto de palhaços, malabaristas, soldados, anjos, santos, impostos, mordomias, burocracia e subnutridos.

A terceira parte do poema, “Melopéias”, traduzirá as possibilidades de cantos para a terra. “O CANTO DA TERRA” (parte I de “Melopéia”) lembrará as revoluções perdidas. “GEMIDOS” (parte II de “Melopéia”) chorará a dor de uma terra que teve seu “VENTRE RASGADO/NA CONCEPÇÃO” (1981, p. 183) e o “TEMPO DA LIBERDADE/ARRANCADO ÀS/FEZES E SANGRENTA/PLACENTA” (1981, p. 187).

No fim da viagem, o que se deseja é que a terra, acordando, possa encontrar seu destino: o de ser livre de injunções, desmandos, alcançando “A COR DA TERRA/LUSTRADA PISADA/A COR DA LIBERDADE”. (1981, 189)

O canto épico de Leda toma a imagem terra-mãe ou terra-mulher fora de um sentido erótico ou sexuado, mas no sentido de “geração da vida”, para o qual o poema sugere que se atente.

Maria Consuelo Cunha Campos, no prefácio do livro, sintetiza a estrutura poemática:

Em *A Cor da Terra*, os mitos da nacionalidade, tais como a cordialidade de uma história sem guerras, sem violência, num espaço paradisíaco de Eldorado, são desmistificados em favor da imagem do brasileiro que se dá conta de que verdadeiramente não conhecia este país que pulsa, lá embaixo, sufocado pelas místicas na nacionalidade, pelas versões multinacionais. No fundo, a tomada de consciência do escritor (do intelectual) brasileiro de que cabe comprometer-se com esta realidade, que ele agora circunscreve: é sua forma de transformar, de construir um Brasil justo, de participar do esforço coletivo. (1981, p. 8)

De modo bem diverso às imagens terra-mulher identificadas no cânone épico de autoria masculina, em *A cor da terra*, o “corpo da Pátria” é um corpo de mulher; este, porém, está aberto a sementeiras que não são as do sêmen, mas as da poesia. Uma poesia de forte teor combativo, libertário e consciente, que dá realce maior às questões sociais em detrimento da retomada da imagem sacralizada da terra-mulher como um corpo erotizado que deve ser fecundado pelo homem. A fecundação sugerida pelo poema é a fecundação de novas idéias e conceitos sobre o existir e o conviver em uma terra pátria marcada por contrastes sociais e culturais, realidades diversas, “filhos” e “filhas” cuja identidade necessita ser repensada, reavaliada e recriada.

3. A CABEÇA CALVA DE DEUS

A cabeça calva de Deus reúne três poemas épicos de Corsino Fortes, que, integrados no livro, concretizaram o projeto original do autor de compor uma poesia épica que materializasse uma visão individual e coletiva da nação cabo-verdiana, dando destaques aos aspectos históricos e míticos que lhe conferem identidade própria. *Pão & Fonema* (1974), *Árvore & Tambor* (1986) e *Pedras de sol & Substância* (2001) fundem-se em uma imagem forte: a do Deus calvo, submerso no Atlântico, que deve ser notado,

retomado, vivido na experiência humano-existencial de cada cabo-verdiano e cabo-verdiana.

Como afirmei antes, a diáspora, fenômeno cultural vivido por muitos artistas e intelectuais cabo-verdianos, assim como chefes de família, que optam pela alternativa de emigrar para melhorar as condições de vida dos seus familiares, constitui um paradigma importantíssimo para a compreensão da identidade nacional. A preservação das tradições e dos costumes do arquipélago por parte dos que vivem no exílio voluntário faz com que a “diáspora” constitua uma “nação” legítima que expande, além de suas fronteiras, o arquipélago que forma esse país. Assim, a “terra-mãe” não está contida apenas no espaço das dez ilhas, mas se espraia pelo mundo, o que contradiz a imagem metafórica do imobilismo e da submissão que se recolhe da épica tradicional. Além da diáspora, outros fatores como as formas da agricultura, a musicalidade, os rituais e os eventos históricos estão presentes na obra, que dialoga com muitos referentes internos e externos, revelando bem a complexidade de “ser cabo-verdiano/a”.

Em vários trechos da obra, contudo, a terra cabo-verdiana, também aparece associada ao feminino, mas não ao feminino imóvel. A terra necessita, para ser forte e manter-se viva em meio às turbulências internas (as dificuldades econômicas originadas pela escassez de água e pouca fertilidade do solo) e externas (a globalização, a quebra de fronteiras, a dominação imposta por nações poderosas), que sua identidade cultural seja fecundada no imaginário dos cabo-verdianos e das cabo-verdianas que dela se exilam por força da sobrevivência e que nela habitam sem se dar conta, em nível profundo, do que representa “ser caboverdiano/a”. Assim, não é a terra que necessita “ser fecundada”. Ao contrário, o resgate da imagem da terra-mãe funciona para gerar vida no imaginário de seus e de suas habitantes.

De outro lado, também como afirmei antes, a imagem do Deus submerso, confere dupla identidade a essa terra: é feminina pela tradição da imagem mítica “mãe-terra”, é masculina pela alusão à cabeça de Deus como um elemento geográfico que representa as ilhas de que se compõe o país. Essa curiosa dualidade (feminino/masculino) rompe com o usual valor antitético mobilidade/masculino X imobilidade/feminino. O poema chama/clama por uma consciência identitária superior, o que faz com que

transgrida, consciente ou inconscientemente, o formato tradicional das epopeias de autoria masculina. A voz poética não fecundará a terra, mas o imaginário popular. Vejamos, de forma metonímica, como “fala” o poema, por meio de alusões a trechos de sua primeira parte, *Pão & Fonema*.

Já na abertura de *Pão & Fonema*, a relação entre termos como “terra”, “pátria” e “poesia” dialoga com o antropomorfismo. A terra de que se fala ganha coração por meio da voz dos tambores. E mar, “matrimónio”, pão e “patrimônio” são índices da fusão entre o ser da terra e o ser de sua gente.

Poeta! todo o poema:
geometria de sangue & fonema
Escuto Escuta

Um pilão fala
árvores de fruto
ao meio dia
E tambores
erguem
na colina
Um coração de terra batida

E lon longe
Do marulho à viola fria
Reconheço o bemol
Da mão doméstica
Que solfeja

Mar & monção mar & matrimónio
Pão pedra palmo de terra
Pão & patrimônio
(FORTES, 2001, p. 17)

Em “Conto”, há uma aproximação entre os sememas mãe, mulher e ilha.

III
Antes da manhana
Ela ia
De baía em baía
peregrina
Amando
no útero das veias
a voz uterina dos navios

Na ilha
 A minha mãe é ilha nua
 Por Dezembro rasgando
 o seu inverno de chita (2001, p. 31)

Observa-se, nesse trecho, que a mulher é mãe, é ilha, mas também é peregrina. Não está condenada ao imobilismo, ainda que esteja restrita ao espaço da ilha. O semema útero tanto se refere ao universo feminino quanto ao masculino, já que a voz dos navios, signos tradicionais do elemento masculino, também ganha adjetivação vinculada ao corpo de mulher. A atuação da mulher-mãe é valorizada no poema e consagrada como um elemento importante no repertório simbólico-cultural da ilha, ainda que o tom intimista pareça direcionar a uma leitura pessoal da cena. A “mãe” torna-se “Mãe” e é figura emblemática.

Em outro trecho, “Emigrante”, que integra o Canto Segundo (“Mar & Matrimónio”), encontra-se uma alusão ao falo que fecunda:

A terra
 aspira
 teu falo verde

E antes que teu pé
 seja
 árvore na colina

E tua mão
 cante
 lua nova em meu ventre

Vai E planta
 na boca d’Amílcar morto
 Este punhado de agrião
 E solver golo a golo
 uma fonética de frescura
 E com vírgulas da rua
 com as sílabas de porta em porta
 Varrerás antes da noite
 Os caminhos que vão
 até as escolas nocturnas
 Que toda a partida é alfabeto que nasce
 Todo o regresso é nação que soletra

Este “falo”, todavia, não tem conotação erótica, nem revela uma condição de submissão da terra em relação ao homem. Ao contrário, faz-se símbolo de um compromisso do cidadão que volta a terra natal: o de fecundar o povo com o que a vivência da diáspora lhe trouxe, fazendo o “verde” dar frutos a Cabo Verde. A relação que a terra deseja com seu povo não é carnal, refletida no apego às suas formas. Antes que a mão “cante lua nova em” seu “ventre”, a terra prefere que o canto se dirija aos/às que ficaram e necessitam revigorar a palavra, crescendo com a troca de experiências.

São muitos os exemplos, não só em *Pão & Fonema*, mas nos três poemas de que se constitui *A cabeça calva de Deus*, que revelam a fusão entre os tradicionais referentes “terra/mulher/imobilidade/submissão” e “mar(céu)/homem/mobilidade/ação de outro”, gerando um chamamento pela completude da nação, já tão fragmentada, por sua história, geografia e realidade socioeconômica. Corsino Forte revisita os signos tradicionais da poesia épica de autoria masculina, que “cantam” a feminilidade e o valor maternal da terra, mas atualiza esses referentes sobrepondo a eles uma circunstância maior e mais importante: a de fundir a vivência da terra/mãe/pátria/nação à consciência crítica que permite que os elementos culturais ali recolhidos e enumerados sejam mais que dados, sejam experiências vividas motivadas pelo desejo de fazer sempre viva e forte essa terra.

4. CONCLUSÃO

Em *A cor da terra* e *A cabeça calva de Deus* duas realidades distintas se materializam em alusões ao “corpo” da terra e a expressões de seus anseios. Ainda que as circunstâncias econômicas, sociais e culturais sejam diferentes, o tom dos dois poemas se assemelha. Se, de um lado, há um chamamento ao “despertar da terra”, de outro, clama-se por um tambor que possua som e substância, revelando uma terra capaz de se mostrar inteira, íntegra, una. A terra-mãe, em ambas as obras, necessita mais do que um corpo feminino, necessita de voz, de palavra e de ação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Ronald de. **Toda a América**. Rio de Janeiro: Razão Cultural, 2001.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANDT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009. 24 ed.

ESPÍNOLA, Adriano. **Em trânsito**. Táxi. Metrô. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

FORTES, Corsino. **A cabeça calva de Deus**. Lisboa: Dom Quixote, 2001.

GULLAR, Ferreira. **Poema sujo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

HÜHNE, Leda Miranda. **A cor da terra**. Rio de Janeiro: Antares, 1981.

LIMA, Jorge de. **Invenção de Orfeu**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1974.

RAMALHO, Christina. **Vozes épicas: história e mito segundo as mulheres**. Rio de Janeiro. UFRJ, 2004. Tese de doutoramento em Ciência da Literatura.

RAMALHO, Christina. Mulher, a pátria está inscrita no teu corpo. In: **Revista sociopoética**. Vol.1, série 5, 2010, p.109-131. Disponível: <http://eduep.eupeb.edu.br/spciopoetica/publicacoes/sociopoetica-v1n5.pdf>.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **A grande fala do índio guarani perdido na história e outras derrotas**. Rio de Janeiro: Summus Editorial, 1978.

Recebido: 25/05/2012

Aceito: 10/07/2012